

# GRAFISMOS URBANOS: ESTUDO DE CASO DAS PICHACOES, NO BAIRRO ESPERANCA, EM RIBEIRÃO DAS NEVES - MG

Erick Vinicius Pereira Lopes <sup>1</sup>

DOI: 10.5752/P.2316-1752.2020v27n41p251

## Resumo

Grafismos Urbanos são expressões produzidas para passar mensagens e intenções. Dentre estes, destacam-se as pichações, que são formas de demarcar as paisagens urbanas por meio de manuscritos. Os objetivos do presente estudo são apresentar, compreender e analisar os padrões e densidades dos Grafismos Urbanos encontrados no bairro Esperança, na região de Justinópolis, em Ribeirão das Neves, Minas Gerais. A metodologia seguiu as bases de: definição de rotas, registros fotográficos, coordenadas geográficas; criação de formulários,

---

1 Pesquisa desenvolvida com o apoio do programa FIP da PUC Minas.

2. Graduando em Geografia pela PUC Minas. Bolsista de iniciação científica pela FAPEMIG e CNPq.

E-mail: erick.viniciuspl@gmail.com

banco de dados; estatísticas, e mapa coroplético.

Palavras-chave: Grafismos Urbanos. Pichações. Justinópolis.  
Georreferenciamento.

*URBAN GRAPHISMS: GRAFFITI CASE STUDY, IN THE  
ESPERANÇA NEIGHBORHOOD, IN RIBEIRÃO DAS  
NEVES - MG*

Abstract

Urban graphics are expressions produced to convey messages and intentions. Among these, we can highlight graffiti which are ways of demarcating urban landscapes through manuscripts. The aim of this study is to present, understand and analyze the patterns and densities of Urban Graphics found in the Esperança neighborhood, in the Justinópolis region, in Ribeirão das Neves, Minas Gerais. The methodology followed the bases: definition of routes, photographic records, geographical coordinates, creation of forms, database, statistics and choropletic map.

Keywords: Urban Graphics. Graffiti. Justinópolis. Georeferencing.

*GRAFISMOS URBANOS: ESTUDIO DE CASO DE GRAFFITI,  
EN EL BARRIO DE ESPERANÇA, EN RIBEIRÃO DAS  
NEVES - MG*

Resumen

Los gráficos urbanos son expresiones producidas para transmitir mensajes e intenciones. Entre estos, podemos destacar grafitis, que son formas de demarcar paisajes urbanos a través de manuscritos. El objetivo de estudio es presentar, comprender y analizar los patrones y densidades de Urban Graphics que se encuentran en barrio Esperança, en la región de Justinópolis, en Ribeirão das Neves, Minas Gerais. La metodología siguió las bases: definición de rutas; registros fotográficos, coordenadas geográficas, creación de formularios, base de datos, estadísticas, y mapa coroplético.

Palabras-claves: Gráficos urbanos. Graffiti. Justinópolis. Georreferenciación.

## Introdução

A dinâmica urbana é baseada em trocas, fluxos, relações hierárquicas e funções, responsáveis pela criação de complexas cidades. Tais elementos, que dependem do que Santos (1996) chama de fixos (a estrutura que está ali presente) e fluxos (o movimento de pessoas e mercadorias em torno do mesmo), estão presentes no espaço e na paisagem da cidade. O espaço concebe fonte e base para tais manifestações.

254

Essa dinâmica urbana não se distribui ou se organiza de forma homogênea no espaço, gerando pontos de convergência e centralidades, marcados por maior movimentação de pessoas, recursos, mercadorias e informações, gerando espaços mais e menos hierarquizados.

Tais fatos, apoiados no território, criam muitas das vezes territorialidades associadas a certo(s) grupo(s) que se identifica(m) com os territórios por ele(s) produzido(s), gerando forte sentimento de pertencimento e, muitas vezes, a sensação de que esses territórios são sua propriedade, são de seu pertencimento. Esse processo de territorialização (passagem de território para territorialidade), segundo Souza (2009), pode implicar no desenraizamento de indivíduos/grupos ou ainda na privação de acesso às certas funções ou, ainda, ao contrário. Sendo assim,

isso acaba por envolver exercícios de relações de poder e a projeção dos grupos no espaço. Segregação gera mais segregação, territorialidades geram mais territorialidades, as quais não precisam ser propriamente ditas (podem ser vistas ou sentidas facilmente) (SACK, 1986).

A territorialidade é algo abstrato ocorrendo em cima de algo material, porém ela pode se manifestar sobre algo imaterial, como os simbolismos e os meios culturais. Haesbaert (2009) traz dimensões do território como concretas (políticas e afins) e imateriais (identidade, simbolismo, cultura), ou seja, uma visão atrelada do próprio conceito de território juntamente com o de territorialidade, podendo se misturarem e confundirem.

255

Esses simbolismos, imateriais, encontram-se associados a diversos aspectos da cidade, sendo muitas vezes invisíveis. Por outro lado, eles também podem ser bastante visíveis na paisagem urbana, como, por exemplo, os Grafismos Urbanos que são qualquer expressão considerada artística ou não, produzida manualmente com o intuito de se passar mensagem e que possua como suporte a cidade (RAMOS, 1994). Dentre eles, destacam-se as pichações, que são formas de demarcar simbolicamente as paisagens ou territórios urbanos, em que o(s) autor(es) se expressam através de palavras, signos, cores, formas e desenhos no ambiente urbano, tudo em vias de se projetarem no espaço (LOPES, 2020).

Essas demarcações demonstram realidades distintas, muitas vezes sobrepostas por outras, mas com o intuito de revolta e/ou ousadia. Isnardis (1997) deu pistas sobre a atuação espacial dos pichadores e grupos na cidade de Belo Horizonte, que aqui importamos para Ribeirão das Neves, identificando cinco tipos básicos de territórios, onde se articulam:

256

O **bairro de origem** acaba sendo o local onde tem a predominância de marcas de um grupo que se sente e é hegemônico. As pichações ali realizadas têm, então, um público bastante restrito, pelo fato de onde estão inseridas, sendo composto pelos pichadores que residem no local ou que passem por algum motivo, além de moradores do bairro e poucos transeuntes. Pichar no bairro é representado por uma tarefa mais fácil, sem muita ousadia, contando, portanto, com um maior número de pichadores. Alguns destes jamais deixam o bairro, sua zona de conforto e de treino, não sendo as pichações ali empregadas tão valorizadas.

A **principal via de acesso** à região na qual se situa o bairro de origem é um espaço mais valorizado, dada sua crescente visibilidade. O público observador/alvo inclui além de todos os pichadores desse possível bairro, diversos transeuntes regulares ou eventuais, incluindo pichadores de outras áreas e assim, de outros grupos. Por serem vias com intensa movimentação de pessoas e veículos, pichar ali é uma tarefa que conota mais riscos, demandando os

pichadores mais ousadia e rapidez, fato que confere às pichações ali encontradas maior status no meio.

Um **grande eixo viário** é também local de maior visibilidade e mobilidade, portanto, é de maior dificuldade de execução das pichações, aumentando bem os riscos, ousadias e status. No entanto, pichar um eixo viário (ou uma principal via de acesso) diverso daquele que dá acesso ao seu local de moradia implica aproximar-se do território de outros grupos e pichadores que se têm uma relação de pertencimento ao lugar inicial, fato que pode desencadear conflitos e desconfortos.

O **Centro da cidade** é a área mais cobiçada pelos pichadores, de Belo Horizonte e toda a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e também até de outros estados. Por não ser território de nenhum grupo ou pichador específico, os pichadores compartilham aquele espaço, com um mesmo fim, sem grandes hostilidades, apenas confrontos de quem picha mais e onde picha mais. Trata-se da área de maior visibilidade da cidade, que traz também uma carga maior de riscos e ousadias, aumentando grandemente a relevância das pichações ali encontradas. Os grupos mais renomados e os pichadores mais ousados operam no centro, sendo nomeados “elite”.

O **território alheio ou inimigo** representa os recortes da cidade cujo domínio foi consolidado por outro grupo. Pichar no território alheio ou inimigo representa uma afronta/

confronto aos donos do território, da territorialidade, do lugar, do espaço, do bairro, demonstrando situações adversas, fato motivador de retaliações que podem ocorrer sob a forma de contra pichações, de rabiscos nas pichações, ameaças ou até mesmo confrontações físicas.

Já Diniz e outros (2015, 2017, 2019) deram outras pistas e padrões dos pichadores, utilizando de diversas variáveis, como o local onde estavam, os artefatos utilizados, os estilos predominantes, dentre outros, demonstrando a densidade das pichações e dos grupos, identificadas no Hipercentro de Belo Horizonte. E nessas pesquisas, pode ser visto padrões comparativos que os pichadores ainda mantêm, sendo a predominância de pichações de marcações, poucas marcações em esquina, maior quantidade de marcações em edificações, em prédios comerciais, no muro, no nível do olhar, utilização de spray, pichação mineira maior (em 2011 e 2015) e maior paulista (em 2017), de pichações sem sobreposições e maior concentração nos locais com grandes movimentações de transeuntes e veículos.

258

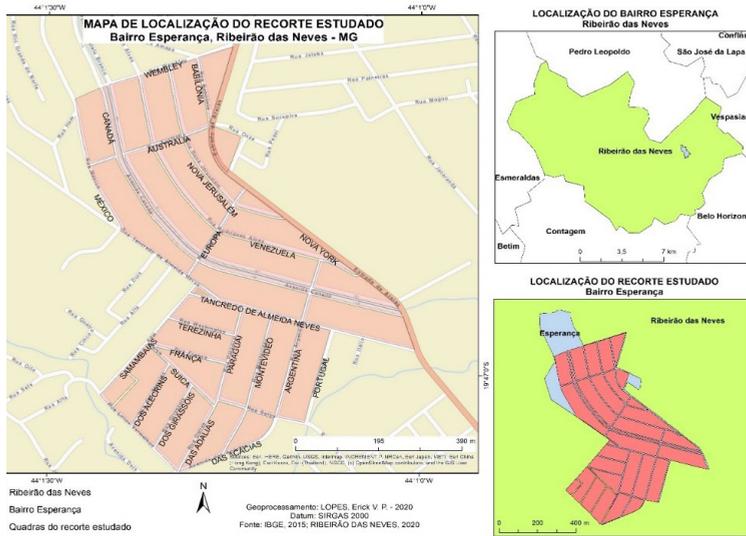
Na RMBH se destacam algumas cidades, sendo uma delas o município de Ribeirão das Neves. Vizinha de Belo Horizonte, situada a noroeste/norte, porção esta da cidade de Belo Horizonte, que se destaca por ter sido um importante setor/vetor de expansão/migração pela cons-

trução do complexo turístico e de lazer da Pampulha na década de 1960, construção do *campus* da UFMG em 1963 e o Estádio Magalhães Pinto (Mineirão), em 1965, atraindo parte da população com baixo nível socioeconômico. Por tais fatores, Ribeirão das Neves se torna assim uma cidade dormitório, apresentando crescente e dinâmica conurbação com a cidade de Belo Horizonte, guardando com esta fortíssima integração, modificando, assim, as diversas estruturas e dinâmicas situadas na área (DINIZ; ANDRADE, 2015).

Com base nessa introdução, têm-se como perguntas motivadoras: existe algum padrão espacial no modo como as pichações encontram-se distribuídas em Ribeirão das Neves? As tipologias espaciais identificadas por Isnardis (1997), principalmente as categorias bairro e rua principal, se reproduzem em Ribeirão das Neves? Existem semelhanças entre os padrões, densidades e estilos identificadas por Diniz e outros (2015, 2017, 2019) em Belo Horizonte? Como elas se apresentam?

Com base em tais questionamentos, busca-se aqui identificar os padrões/densidades dos Grafismos Urbanos encontrados no bairro Esperança, na região do Justinópolis em Ribeirão das Neves - MG, uma área que se constitui como uma importante centralidade nesse município, devido às áreas de grande acesso. O bairro se destaca em relação a sua posição, devido estar localizado parcialmen-

te no centro-Nordeste no município, fazendo que tenha influências concomitantes entre Belo Horizonte, Contagem, Vespasiano, Pedro Leopoldo e da própria Ribeirão das Neves. Devido à impossibilidade de percorrer todo o município de Ribeirão das Neves e de todo o bairro Esperança, destaque-se, aqui, o recorte estudado, extraído da área mais densamente habitada e movimentada (em relação aos transeuntes e transportes) do bairro (Mapa 1).



Mapa 1 | Localização do recorte estuado, no bairro Esperança, em Ribeirão das Neves.

Fonte: IBGE, 2015; RIBEIRÃO DAS NEVES, 2020.

Assim, acredita-se, que as análises desse recorte podem ser estendidas para todo o município de Ribeirão das Neves. Busca-se ainda identificar a existência de relações entre as pichações e o ambiente urbano, estilos, predominâncias e seus aparatos.

262

O objetivo foi alcançado com base no uso de técnicas de inventariação e georreferenciamento, que auxiliaram a criação de mapas e tabelas ilustrativos da distribuição e dinâmica das pichações. A metodologia seguiu procedimentos adotados em trabalhos anteriores desenvolvidos na cidade de Belo Horizonte por Diniz e outros (2015, 2017, 2019), sendo composta dos seguintes passos: planejamento de rotas; utilização dessas rotas para a realização de registros fotográficos das pichações; registro das suas coordenadas geográficas e preenchimento de formulários específicos para cada pichação, com 14 variáveis relacionadas à localização geográfica, estilo, materiais empregados, tipo de edificação, posição na edificação, dentre outros aspectos que serão apresentados nas análises; construção de um banco de dados alfanumérico com esses dados; geração de estatísticas descritivas e, posteriormente; a criação de um mapa coroplético da distribuição e dinâmica das pichações.

## A pichação e suas nuances nos espaços

O termo “pichar”, segundo Burzlaff (2008) tem relação com o verbo “pinchar”, que significa lançar pinche contra alguma coisa ou alguém. Fato, que diz com a atual realidade, sendo que algumas pessoas ainda utilizam o termo com a letra “n”, a qual foi perdida ao longo dos anos.

Na grafia de tal palavra há também diferenciações. O termo pichação, com “ch”, é apenas o ato de demarcar paredes, sem levar em conta outras variáveis (assim o grafite, marcações políticas, propagandas, cabem dentro dessa nomeação). O termo pixação, com “x”, como é escrito “errado”, faz alusão ao modo como os praticantes são vistos por suas condutas. Então, levam-se em conta diversas variáveis, sendo um estilo de vida, uma marcação, um território, uma territorialidade, dentre outros (DINIZ; FERREIRA; LACERDA, 2017). No Brasil e no caso abordado, em Minas Gerais, há uma maior popularidade em três estilos: a pichação paulista (com traços retilíneos) (Imagem 1), a carioca (com traços circulares e embolados) (Imagem 2) e a mineira (uma mistura dos dois anteriores) (Imagem 3) (CARVALHO, 2013).



Imagem 1 | Pichação Paulista.  
Fonte: Autoria própria, 2018..



Imagem 1 | Pichação Carioca.  
Fonte: Autoria própria, 2018.

266



Imagem 1 | Pichação Mineira.  
Fonte: Autoria própria, 2018.

Carvalho (2013) ainda afirma que o grafite e suas variações de produção como o wildstyle (Imagem 4), throw-up (Imagem 5), bomb, 3D, dentre diversos outros (os três primeiros são os mais utilizados e conhecidos), acaba se diferenciando da pichação, por “privilegiar a estética em detrimento da palavra, sendo composto por muitas cores e formas, dotado de elevado grau técnico e artístico”. (CARVALHO, 2013, p. 77). Há grafites que focam em palavras e há grafites também que são apenas desenhos, figuras e afins (Imagem 6). Cabe aqui ressaltar, que o alcance do fenômeno é peculiar no que pese à realidade brasileira, já que o Brasil é o único país no mundo que faz referência à uma separação conceitual da pichação e do grafite (SILVA, 2013).

Como levantado por Carvalho (2013) os estilos anteriores, o grafite derivou no bomb (Imagem 7), que seria um grafite com uma letra de bolha, mais arredondada. A estética é de grafite, mas a intenção é de pichação. Porém, no Brasil, especificamente em Belo Horizonte, houve a junção da pichação e do grafite, ocasionando no grapixo (Imagem 8), que seria uma letra de pichação (mais especificamente a paulista) com cores dentro, que também se espalhou pelo país.



Imagem 4 | Grafite Wildstyle.

Fonte: JORGE BTS, 2016; SELASA, 2010; Autorialia própria, 2019; GOMA, 2019.

268



Imagem 5 | Grafite Throw-up.

Fonte: JORGE BTS, 2016; SELASA, 2010; Autorialia própria, 2019; GOMA, 2019.



Imagem 6 | Grafite desenhado

Fonte: JORGE BTS, 2016; SELASA, 2010; Autoria própria, 2019; GOMA, 2019.



Imagem 7 | Bomb

Fonte: JORGE BTS, 2016; SELASA, 2010; Autoria própria, 2019; GOMA, 2019.

Indo para o seu lado histórico, desde a pré-história tem havido a marcação de paredes com símbolos (as pinturas rupestres são uma forma de marcação), fato este que demonstra a importância e a longevidade desse meio de expressão (BATES, 2014). As pichações também se encontraram presentes no mundo antigo, havendo evidências, segundo Souza (2007), de sua presença em Roma e na Europa medieval, sendo essas inscrições, predominantemente, de cunho político e religioso. Mas segundo Diniz, Ferreira e Alcântara (2015), a invenção e popularização das tintas em latas de aerossol, na década de 1920 e 1930, foi fator crucial para a disseminação da prática da pichação, trazendo facilidade e maior agilidade na demarcação de paredes e outros elementos urbanos. A pichação esteve, ainda, atrelada aos movimentos sociais na França e nos EUA nos anos 1960 e 1970, mas ganhou maior expressão com a sua adoção pelo movimento Hip Hop (DINIZ, FERREIRA E ALCÂNTARA, 2015).

No Brasil a evolução da pichação se deu de forma semelhante. Inicialmente foi vinculada aos movimentos de cunho político contrários à ditadura militar (1964-1985). Porém, alguns indivíduos viram outras características que podiam ser extraídas do ato e começaram a demarcar os grandes centros urbanos com símbolos e frases diversas, despertando o imaginário popular sobre o seu significado (DINIZ; FERREIRA; ALCÂNTARA, 2015). Por isso, houve

uma adesão a essas práticas por certas pessoas em lugares diferentes, fazendo com que se desenvolvesse uma estética tipicamente brasileira e de cada estado, sendo que a brasileira é reconhecida no mundo todo, tendo lugares de destaques nas grandes galerias e afins. Conforme Diniz (*et. al.*, 2015, 2017, 2019) as mais conhecidas são a pichação paulista, carioca e mineira. As marcas podem ser encontradas sozinhas ou com grupos ou crew, que são a organização a quem pertencem, onde cada grupo tem um símbolo ou uma abreviação que o identifica (LO-PES, 2020).

Tamanhas as inscrições nas paredes, pouco tempo depois de seu estabelecimento no país, o ato de pichar foi considerado crime ambiental pela seção IV dos Crimes Contra o Ordenamento Urbano e Patrimônio Cultural, da Lei de Crimes Ambientais (9.605/1998), por ser considerada uma prática que “suja” a cidade e atinge o patrimônio do outro. Porém, em 2011, pela lei 12.408, o grafite foi descriminalizado, apenas sendo proibido a pichação e a venda de tintas para menores de 18 anos, sendo uma busca de metamorfosear os dois fenômenos (SILVA, 2013). Mas cada estado e município atualizou/modificou essas leis.

Continuando ainda nessas relações, os pichadores buscam a expressão, a fama (ser conhecido, mesmo que anônimo), prazer, adrenalina, ousadia, status (CEARÁ;

DALGALARRONDO, 2008; DINIZ; FERREIRA; ALCÂNTARA, 2015). Para isso, estes fazem com que as partes da cidade, sendo sua parte pública ou privada e seus diversos adereços, sejam transformados em territórios, que são (de)marcados por esses agentes, tornando-se assim, em territorialidade (DINIZ; FERREIRA; ALCÂNTARA, 2015).

272

Para um melhor entendimento na correlação da marcação e criação de territórios, para Raffestin (1993), o território tem um ponto de vista expressamente político, pois, há relações de poderes nos mais variados níveis. Segundo Raffestin *idem* (2003) os diferentes territórios seriam o do cotidiano (feito no dia a dia), das trocas (circulações de mercadorias), de referência (material e imaterial, histórico e imaginário, subjetivo individual ou coletivo) e o sagrado (religião e política).

A partir do momento que esse território é assumido por algum grupo, passa para a territorialidade, que segundo Sack (1986), é visto como uma tentativa, a possibilidade ou o ato de indivíduos ou grupos controlarem ou exercerem influência junto a outros indivíduos ou grupos e ainda, a fenômenos correlacionados no espaço, no território. Esse controle também tem limites, sendo classificado, comunicado, aprisionado ou controlado por pessoas para com outras, sendo um processo criador de identidades

e afetos em relação ao espaço. Para esse autor, a territorialidade pode ser constituída de classificação de área (nomeação), forma de controle de acesso (restrição ou acesso ao lugar) e modo de comunicação (comunicar ou não o controle exercido). Haesbaert (2004) afirma que a territorialidade está de certa forma intimamente ligada ao modo de como as pessoas utilizam o território, organizando, utilizando e dando significados diferentes a ele.

### **Ribeirão das Neves e breves contextos**

Ribeirão das Neves, segundo o IBGE (2012), tem suas primeiras referências datadas do início do século XVIII, sendo denominada Matas de Bento Pires. Em 1927, foram adquiridas as Fazendas Mato Grosso e parte da Fazenda de Neves, pelo Estado de Minas Gerais, para a construção de uma Penitenciária Agrícola (penitenciária onde os presos desenvolvem a prática agrícola), fato em que estimulou o crescimento populacional, que veio a se formar em um povoado que era composto, em sua maioria, de habitantes ligados, por quaisquer motivos, ao estabelecimento penal. A Penitenciária foi inaugurada no ano de 1938 (CAMPOS, 2009; IBGE, 2012, RIBEIRÃO DAS NEVES, 2014).

Em 1953, foi desmembrado de Pedro Leopoldo, sendo constituído, em 1960 de dois distritos: Ribeirão das Neves e Justinópolis (ex-Campanha) (CAMPOS, 2009). Assim, o município se encontra com esses dois subdistritos bem separados, cada qual com influências diferentes das cidades de Belo Horizonte e Contagem, principalmente, e de outras cidades adjacentes. A partir disto, desde as décadas de 1940, vem assistindo ao crescimento populacional, graças à construção de conjuntos habitacionais e ocupações de terra (DINIZ; MENDONÇA, 2015).

Saltando para um contexto atual, demonstrando sua importância (mesmo que não exacerbada), segundo o censo do IBGE (2010), com suas atualizações (2017 e 2018), Ribeirão das Neves, localiza-se na 7ª posição em relação à população (2010) (296.317 habitantes em 2010, com previsão de 338.197 habitantes em 2020), 145ª posição no salário médio mensal dos trabalhadores formais (2018) (2 salários mínimos) e 553ª posição no Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* (2017) (R\$ 11.723,14), em comparação com o estado mineiro. Já na comparação com o país, ocupa o 80º lugar em relação a população (2010), 2136º lugar no salário médio mensal dos trabalhadores formais (2018) e 3607º lugar no PIB *per capita* (2017).

Possuía um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, de 0,684, que significa um resul-

tado mediano, precisando melhorar em diversos requisitos, principalmente por nem todos os bairros terem essa média. Apesar disso, a cidade ainda perpassa por muitos desafios.

## **Grafismos urbanos no bairro Esperança, em Ribeirão das Neves**

Os objetivos da coleta dos dados que serão analisados visavam à busca empírica da comprovação de estudos acerca da pichação em Minas Gerais, abordados por Diniz e outros (2015, 2017, 2019). Os responsáveis pela coleta de dados foi o próprio autor do artigo, coletados durante uma semana, do dia 28 de junho a 5 de julho do ano de 2018, com os procedimentos adotados levantados na introdução, a partir das bases de Diniz e outros (2015, 2017, 2019). No formulário feito para cada pichação, havia 14 variáveis, as quais foram identificadas pelo olhar do observador e anotadas, sendo que algumas eram apenas de identificações para o banco de dados, as outras serão analisadas em seguida.

As evidências levantadas em campo indicam que em termos da principal motivação para as pichações (Tabela 1) figuram a predominância da demarcação de território (99,6%), da ousadia e da construção de territórios e ter-

ritorialidades, que são realmente a intenção dos praticantes. De outro lado, se vê um pequeno uso da pichação de cunho político (0,4%), devido ao fato de a coleta de dados ter sido realizada num contexto relativamente pacífico politicamente e sobre desastres.

<b>Natureza da pichação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Frequência (%)</b>
<b>Marcação de território</b>	<b>812</b>	<b>99,6</b>
<b>Política</b>	<b>3</b>	<b>0,4</b>
<b>Outras</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Total</b>	<b>815</b>	<b>100</b>

Tabela 1| Natureza das pichações  
Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

276

O segundo dado diz respeito ao fato de a pichação ser realizada na esquina ou não (Tabela 2). A esquina é uma importante categoria espacial, uma vez que compreende um ponto na margem de duas ruas que se cruzam, ou seja, maior visibilidade de ambos os lados (LOPES, 2020).

Porém, no caso aqui abordado, pode ser visto que a esquina não tem tantos adeptos, pelo fato de a área trabalhada ter poucos cruzamentos entre duas ou mais ruas movimentadas e os que se tem, são de difícil marcação (são pontiagudos ou com presenças de cartazes e afins). Sendo assim, as esquinas compuseram, apenas, 3,8% das pichações encontradas na área de estudos.

<b>Esquina</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Frequência (%)</b>
<b>Não</b>	<b>784</b>	<b>96,2</b>
<b>Sim</b>	<b>31</b>	<b>3,8</b>
<b>Total</b>	<b>815</b>	<b>100</b>

Tabela 2| Quantidade de pichações nas esquinas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O tipo de edificação onde se encontram as pichações (Tabela 3) adquire o fato que levou a esse lugar (o aparato composto da cidade) a ser alvo, sendo que os monumentos e afins, como se tem relação com o símbolo e com a identidade das pessoas, têm suas outras relações em si. No entanto, a área a fim não possui monumentos (0%) e não são visados os equipamentos públicos (0%) (lixeira, bancos, etc), por serem parte da paisagem e, não obterem grandes atenções, salvo suas exceções (há cidades ou bairros que as lixeiras são de

tamanhos maiores, que não é o caso aqui tratado), tendo seu destaque então somente para as edificações (100%).

<b>Local</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Frequência (%)</b>
<b>Edificação</b>	<b>815</b>	<b>100</b>
<b>Equipamento urbano</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Monumento</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Total</b>	<b>815</b>	<b>100</b>

Tabela 3 | Locais pichados.  
Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

278

O tipo de edificação (Tabela 4) diz respeito à função do lugar e também à visibilidade, sendo que uma edificação comercial possui dinâmicas de movimentação maior do que uma edificação residencial, por exemplo. Mas lugares residenciais também necessitam de certos serviços e comércios para serem mantidos ali.

Tanto a cidade como o bairro em si são com foco na função residencial (dormitório), o que pode ser visto com a predominância na pichação nas casas (64%) pela sua função; seguido de prédios comerciais (32,5%), pelo atendimento aos moradores; seguido de prédios residenciais (3,1%), também pela função; e por fim uma pequena taxa de lugares desocupados (0,4%), por não se ter muito desse tipo no bairro, uma vez que tais locais

tendem a serem alvos constantes dessa prática, pela facilidade e disponibilidade de espaços para marcações.

Edificação	Quantidade	Frequência (%)
Casa	522	64
Prédio Comercial	265	32,5
Prédio Residencial	25	3,1
Prédio Desocupado	3	0,4
Estacionamento	0	0
Igreja	0	0
Museu	0	0
Prédio Público	0	0
Outros	0	0
Não se aplica (NSA)	0	0
<b>Total</b>	<b>815</b>	<b>100</b>

Tabela 4 | Tipo de edificações pichadas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A posição da pichação na edificação (Tabela 5) diz respeito às formas e destaques que uma edificação tem. Nesse caso, é que reflete bastante os dados anteriores (maior presença de casas), é a predominância da pichação nos muros (78,6%), seguindo sua essência, por assim dizer.

Tem-se a pichação nas portas de loja com 14,6%, segundo a função comercial em alguns pontos (com concentração de serviços) e demonstrando que a prática é realizada quando os comércios estão de portas fechadas (por ser crime, é realizado a noite ou finais de semana e/ou feriados) e

tendo assim uma escolha de um certo público (público-alvo que vai as compras) Por fim, há a pichação nos portões (7%), também pela função e muitas vezes pela agilidade.

Local na edificação	Quantidade	Frequência (%)
Muro	639	78,4
Porta de loja	119	14,6
Portão	57	7
Calçada	0	0
Janela	0	0
Pilastra	0	0
Outros	0	0
Não se aplica (NSA)	0	0
<b>Total</b>	<b>815</b>	<b>100</b>

Tabela 5 | Local pichado na edificação

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A altura na edificação (Tabela 6) tem intrínseca relação com ousadia dos praticantes, uma vez que locais altos por serem de mais difícil acesso são para poucos e garantem grande visibilidade, ousadia e status.

Na área de estudos apenas 2,2% das pichações são encontradas nesses locais mais elevados. Esse fato pode ser explicado pela própria constituição física do bairro, carente de edificações altas. A marquise segue o mesmo conceito (4,7%), porém, demandando menor ousadia, também sendo reflexo da altura das edificações e sendo assim, o nível do olhar é o mais visado (92,9%), tanto pela altura, quanto pela agilidade e facilidade de aplicação da pichação e para a fugir, se necessário.

<b>Altura na edificação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Frequência (%)</b>
<b>Nível do olhar</b>	<b>757</b>	<b>92,9</b>
<b>Marquise</b>	<b>38</b>	<b>4,7</b>
<b>Topo da edificação</b>	<b>18</b>	<b>2,2</b>
<b>Nível do solo</b>	<b>2</b>	<b>0,2</b>
<b>Outros</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Não se aplica (NSA)</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Total</b>	<b>815</b>	<b>100</b>

Tabela 6 | Altura da pichação na edificação.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O material empregado (Tabela 7) para a realização das pichações tem relação com os dados anteriores, sobre a altura na edificação. A pichação com rolinho de tinta (31,8%) acarreta dificuldades, sejam elas de manuseio ou de deslocamento, o que faz com que não seja tão utilizada pelos praticantes. Por mais que as pichações feitas com esse material acabam se destacando, por não se ter muitas edificações altas e pelos riscos, não é tão utilizado.

O borrifador vem com seus adeptos, sendo que é mais ágil que o rolinho e menos prático que o spray (0,7%) (sendo uma tendência bastante atual). O próprio spray é a predominância (67,5%), pelo fato de ser o mais prático entre os outros materiais, podendo ser escondido facilmente, o que não é possível com o rolinho e não tanto com o borrifador, tendo em vista as suas dimensões.

Material empregado	Quantidade	Frequência (%)
Spray Aerossol	550	67,5
Rolinho	259	31,8
Borrifador	6	0,7
Marcador	0	0
Outros	0	0
Total	815	100

Tabela 7 | Material empregado nas pichações.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No âmbito do estilo da pichação (Tabela 8), a característica notada no Brasil e em Minas Gerais, como já dito anteriormente, é a predominância de três estilos: carioca, mineiro e paulista. O que foi comprovado na coleta de dados foi o que os trabalhos de Diniz e outros (2015, 2017, 2019) previam: uma menor porcentagem da pichação carioca e a predominância na pichação paulista, o que pode ser visto, tendo a pichação paulista em maior número (49,4%), depois a mineira (41,3%) e, por fim, a carioca (1%).

Também tem o novo aparecimento do grapixo (0,4%), bomb (0,6%) e grafite (6,7%), que vêm ganhando mais adeptos atualmente por serem mais aceitos. A hipótese aqui levantada quanto esse fato leva consideração suas cores e formas, perpassando então pelas suas transformações em si.

Estilo da pichação	Quantidade	Frequência (%)
Paulista	403	49,4
Mineiro	337	41,3
Grafite	55	6,7
Carioca	8	1
Bomb	5	0,6
Outros	4	0,5
Grapixo	3	0,4
Total	815	100

Tabela 8 | Estilos das pichações.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

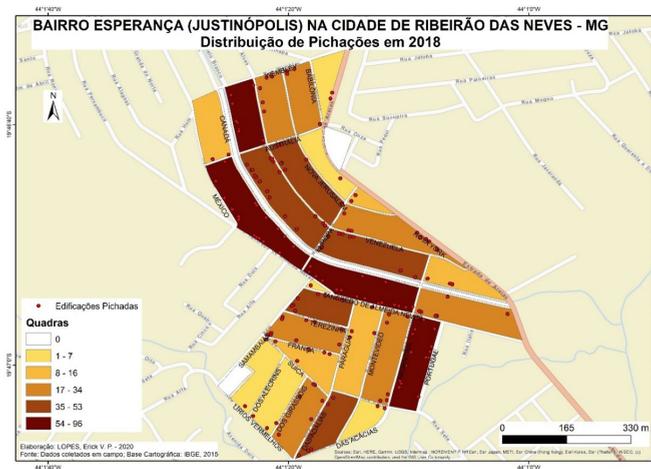
O último dado confere as características de sobreposições das pichações (Tabela 9), que é uma relação que perpassa vários âmbitos. O ato de sobrepor à pichação de outro praticante indica que há um conflito, seja simbólico ou físico, entre os praticantes e/ou seus grupos (LOPES, 2020). O que chama a atenção é o fato de haver poucas pichações sobrepostas, o que indica uma maior cooperação na prática, sendo visando ao objetivo em comum, sendo que os conflitos não passariam de quem ocupa/picha mais.

Superposição	Quantidade	Frequência (%)
Sem superposição	813	99,8
Sobreposto	2	0,2
<b>Total</b>	<b>815</b>	<b>100</b>

Tabela 9 | Sobreposições das pichações.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Após a análise da dinâmica espacial e densidade dessas manifestações (Mapa 2), também se tem uma repetição do padrão identificado por Diniz e outros (2015, 2017, 2019), onde os locais com grande movimentação e visibilidade concentram as maiores densidades, demonstrando assim, que a relação que se tem num centro urbano e em um bairro, são similares.



Mapa 2 | Distribuição das Pichações em Ribeirão das Neves.

Fonte: Dados coletados em campo; IBGE, 2015.

Os locais em branco no mapa são marcados por dificuldades de acesso e locomoção, portanto apresentam baixo interesse aos pichadores, uma vez que as marcas ali deixadas não serão observadas por quase ninguém. Nota-se que estes espaços são os mais afastados das ruas principais, como a Avenida Canadá e a Presidente Tancredo Neves. Já os pontos com grande densidade, demonstram a proximidade de quatro ruas principais, a Avenida Canadá (Imagem 9), a Presidente Tancredo Neves, a Rua México (Imagem 10), a Portugal e a Wembley, locais de intensa movimentação, com a grande presença de transeuntes, rotas de ônibus e concentrações de serviços.

286



Imagem 9 | Pichação na Avenida Canadá  
Fonte: Autoria própria, 2018.



Imagem 10 | Pichação na Rua México  
Fonte: : Autoria própria, 2018.

Assim, pode ser visto, que a atração principal dos pichadores, que é a visibilidade, se traduzem nas áreas com maiores movimentações públicas, sejam de transeuntes ou de trânsito (veículos em geral, principalmente de ônibus) ou de comércios (que mobilizam os transeuntes). Os pichadores são exímios conhecedores do espaço, do território e da territorialidade, tanto físico, concreto, material, quanto simbólico, abstrato, cultural.

## Considerações finais

A dinâmica espacial remete às diversas ações que compõem o espaço, sendo muitas vezes construídas por intervenções simbólicas. Os aparatos fixos que compõem a cidade fazem parte da paisagem urbana, ganhando e retirando seus significados a cada passo do dia. Essas manifestações simbólicas também seguem o movimento cotidiano da cidade, mudando suas manifestações e características. Os grafismos urbanos obtêm sua singularidade em cada movimento. Utilizando de programas e técnicas para tais, pode se ver a relação de padrões e relacioná-la com diversas variáveis, mostrando a dinamicidade de um ponto em meio a outros pontos.

288

Como a disputa pelo espaço e a marcação se seguem nessas expressões, os lugares mais cobiçados se destacam entre outros, sendo assim, é possível se relacionar o tipo de edificação, locais, suas alturas e funções do lugar, sendo que cada um compõe uma relação diferente. Os aparatos e estilos também se relacionam com os fatores citados anteriormente, tendo em vista a facilidade de locais combinados com estilos e aparatos e outras combinações em si.

Desse modo, foi aqui apresentado suas características, que se destacaram como a predominância das pichações em marcação, de pichação em não esquinas, em edificações, em casa (residência), no muro, na altura do olhar, com spray aerossol, paulista, sem sobreposição e maior concentração nos locais com grandes movimentações de transeuntes e veículos. Estes padrões foram também percebidos por Diniz e outros (2015, 2017, 2019) em Belo Horizonte, apenas com a exceção da predominância no tipo da edificação, que é prédio comercial e pelos estilos estarem passando por mudanças em Belo Horizonte (em Belo Horizonte havia a diminuição do estilo da pichação mineira e aumento da paulista).

289

Assim, o composto material das paisagens físicas é refletido no simbólico. Como a intenção é ser visto o maior número de vezes possível, os maiores compostos (em quantidade e extensão) serão os principais vislumbrados. Os espaços físicos e simbólicos se misturam e muitas vezes se contrapõem. Os movimentos que os praticantes fazem durante seus atos são associados às intenções e desejos, buscando ser conhecido, mas perante um anonimato, um causador do imaginário popular (DINIZ; FERREIRA; LACERDA, 2017). A criação de territórios e territorialidades os fazem como usuários profícuos e específicos do espaço urbano.

Dentre todos os pontos de vista, o que é marginalizado também se constitui como uma categoria do espaço, sendo passíveis de relações e análises, demonstrando o fazer geográfico, mas não somente este, como de outras áreas de conhecimento. Conforme foi demonstrado por este, a pichação é um objeto rico, em relação as análises que ainda estão por vir.

## Referências

BATES, L. **Bombing, Tagging, Writing: An Analysis of the Significance of Graffiti and Street Art.** (Masters Thesis). University of Pennsylvania, Philadelphia, PA, 2014.

290

BRASIL. **Lei 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.** Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, Portal da Legislação, 1998. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm)>. Acesso em: 20 de set. 2018.

BRASIL. **Lei 12.408, de 25 de maio de 2011.** Altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Brasília: Presidência da República, Portal da Legislação, 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm)>. Acesso em: 20 de set. 2018.

BURZLAFF, Vicente Pithan. **Ponto e linha sobre plano: a pichação na região central da cidade de Porto Alegre**. 2008. 44f. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16042>. Acesso em: 20 set. 2018.

CAMPOS, P. R. C. **O MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO DA NEVES: um “bairro popular” em um centro metropolitano**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/RAAO-7YKFL6>>. Acesso em: 20 de set. 2020.

CARVALHO, R. A. de C. **Entre prezas e rolês: pixadores e pichações de / em Belo Horizonte**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Belo Horizonte, 2013.

CEARÁ, A. D. T; DALGALARRONDO, P. **Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação**. *Psicologia USP*, 19(3), p. 277-293, 2008.

DINIZ, A. M. A, FERREIRA, R. G. B, LACERDA, A. G. Territórios renitentes: os efeitos das políticas repressivas à pichação em Belo Horizonte (2011-2015). **Caderno de Geografia**, v. 27, n. 50, p. 589-616, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/p.2318-2962.2017v27n50p589>>. Acesso em: 20 de out. 2018.

DINIZ, A. M. A, FERREIRA, R. G. B, LACERDA, A. G. Territórios Verticais Grafismos Urbanos no hipercentro de Belo Horizonte. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 71, 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/45174>>. Acesso em: 20 de out. 2018.

292

DINIZ, A. M. A; ANDRADE, L. T. de. Metropolização e hierarquização das relações entre os municípios da RMBH. In: ANDRADE, L. T. de; MENDONÇA, J. G. de; DINIZ, A. M. A. (org.). **Belo Horizonte: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles; Belo Horizonte, MG: PUC - Minas, 2015.

DINIZ, A. M. A; FERREIRA, R. G. B; ALCÂNTARA, S. A. Pichação, paisagem e território no hipercentro de Belo Horizonte. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 22, n. 30, p. 85-103, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/P.2316-1752.2015v22n30p84>>. Acesso em: 20 de out. 2018.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia. **Censo demográfico de 2010**. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/contagem/panorama>>. Acesso em: 30 de jul. 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia. **Histórico de Ribeirão das Neves**. 2012. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/ribeirao-das-neves.pdf>>. Acesso em: 30 de jul. 2018.

ISNARDIS, A. Pinturas rupestres urbanas. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 143-161, 1997. Disponível em: <<https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/124>>. Acesso em: 20 set. 2018.

LOPES, E. V. P. (2020). **A METROPOLIZAÇÃO DA PICHANÇA**: evidências de Contagem e Ribeirão das Neves. Monografia (Graduação em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/000076/000076e4.pdf>>. Acesso em: 31 de ago. 2020.

RAMOS, CMA. **Grafite pichação & CIA**. São Paulo: Editora Annablume, 1994.

RIBEIRÃO DAS NEVES, Prefeitura de. **Câmara**. 2014. Disponível em: <<http://www.cmrn.mg.gov.br>>. Acesso em: 13 de set. 2018.

SACK, R. (1986). **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

294

SILVA, H. V. B. A da. Graffiti e pichação na paisagem urbana de Curitiba. **Instituto Federal do Paraná - Campus Curitiba**, Curitiba, 2013. Disponível em: <[http://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/RELAT%C3%93RIO-FINAL\\_-Graffiti-e-Picha%C3%A7%C3%A3o-em-Curitiba-Heloisa-V-B-A-da-Silva.pdf](http://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/RELAT%C3%93RIO-FINAL_-Graffiti-e-Picha%C3%A7%C3%A3o-em-Curitiba-Heloisa-V-B-A-da-Silva.pdf)>. Acesso em: 6 de nov. 2019.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento**. 2007. 122f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.